

**OS PERCURSOS DA DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA: UMA  
PERCEPÇÃO ATRAVÉS DE “AMÉRICA LATINA EM SEU LABIRINTO:  
DEMOCRACIA E AUTORITARISMO NO SÉCULO XXI” DE PEREIRA DA SILVA**

*THE LATIN-AMERICAN ROUTES OF DEMOCRACY: AN INSIGHT THROUGH  
“AMÉRICA LATINA EM SEU LABIRINTO: DEMOCRACIA E AUTORITARISMO NO  
SÉCULO XXI” BY PEREIRA DA SILVA*

*LA TRAYECTORIA DE LA DEMOCRACIA EN LATINOAMÉRICA: UNA  
PERCEPCIÓN A TRAVÉS DE “AMÉRICA LATINA EM SEU LABIRINTO: DEMOCRACIA  
E AUTORITARISMO NO SÉCULO XXI” DE PEREIRA DA SILVA*

Mariana Pimenta Bueno<sup>1</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** Em “América Latina em seu labirinto: Democracia e autoritarismo no século XXI”, Fabricio Pereira da Silva expõe ao longo de artigos as particularidades e desafios dos cientistas sociais nas avaliações sobre a democracia na América Latina. Inicia com a “onda rosa”— fenômeno em que partidos de esquerda foram eleitos — passando por suas particularidades e avaliações, até o recente momento dos neogolpes. Esta resenha tem como propósito apresentar os elementos principais das pesquisas feitas por Pereira da Silva, com as particularidades identificadas pelo autor e a importância do senso crítico para romper com determinada hegemonia no campo estudado.

**Palavras-chaves:** América Latina, Democracia, Autoritarismo, Estabilidade Política, Novos Golpes

**Abstract:** In “América Latina em seu labirinto: Democracia e autoritarismo no século XXI”, Fabricio Pereira da Silva expounds along the articles the particularities and challenges of Social Studies in the analysis of Democracy in Latin America. It begins with a “onda rosa” - a phenomenon in which the lefts parties were elected -, passing through its peculiarities and evaluations, until the most recent moment of the “neogolpes” - a new types of *coup d'Etat*. This review presents the main elements of the research carried out by Pereira da Silva, with the characteristics identified by the author and the importance of the critical sense to break with certain hegemony in the field studied.

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora Centro de Análise de Instituições, Políticas e Reflexões da América e da África (CAIPORA). Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ. E-mail: maripimentabueno@gmail.com.

**Keywords:** Latin America, Democracy, Authoritarianism, Political Stability, New Types of *Coup d'Etat*

**Resumen:** En "América Latina em seu labirinto: democracia e autoritarismo no século XXI", Fabricio Pereira da Silva expone a largo de los artículos las particularidades y desafíos de los estudios sociales en el análisis de la democracia en latinoamérica. Empieza con la "*marea rosa*"— un fenómeno en el que los partidos de la izquierda fueron electos—, pasando por sus peculiaridades y evaluaciones, hasta el momento más reciente de los "*neogolpes*". Esta reseña presenta los principales elementos de la investigación realizada por Pereira da Silva, con las características identificadas por el autor y la importancia del sentido crítico para romper con determinada hegemonía en el campo estudiado.

**Palabras claves:** Latinoamérica, Democracia, Autoritarismo, Estabilidad Política, Nuevos golpes

*Recebido em: 30/08/2019*

*Aprovado em: 29/02/2020*

*Publicado em: 11/04/2020*

O debate acerca do conceito de democracia, sua qualidade e aplicações permanece latente nas ciências sociais, sendo que nos últimos tempos questiona-se em como analisá-la na América Latina — uma região que apresenta oscilações. É nessa *conversa* que encontra-se a obra "América Latina em seu labirinto: Democracia e autoritarismo no século XXI" de Fabricio Pereira da Silva. O autor apresenta — ao longo de sete artigos — as particularidades e desafios que os cientistas políticos enfrentam ao analisarem e descreverem os processos políticos e sociais dessa parte da periferia global, considerando sua história e formação social. Seus artigos abordam desde a chamada "onda rosa" — ou "maré rosa" — até "a erosão da democracia" (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 11) ocasionada por vezes pelo "neogolpismo", sendo possível sentir certo dissabor durante esta leitura, partindo da esperança, mas encontrando incertezas da recente ascensão de forças da direita — e extrema-direita.

A ciência política, como exposto por Luís Felipe Miguel (2019), encara dois desafios: "evitar a mera aplicação das teorias consolidadas que importamos dos centros globais de produção acadêmica" e "entender o que há de comum em tais movimentos" (p. 7). Isso permitiria uma melhor leitura do que os países latino-americanos enfrentam em suas democracias. Portanto, a proposta deste texto é apresentar esta obra publicada no ano de 2019, ressaltando seus objetivos e percepções. Em uma época que a América Latina se depara com

movimentos difusos e incertos, a importância de obras com esse tema é promissora e embasa futuras análises no campo das ciências sociais.

A obra de Pereira da Silva (2019) se inicia com o artigo “Quinze anos da onda rosa latino-americana: balanço e perspectivas”<sup>2</sup>, publicado em 2014, analisando a ascensão e as estruturas dos governos eleitos durante a chamada “maré rosa” ou “onda rosa”. Este termo cunhado por Panizza (2006) define a eleição — e por vezes reeleição — de governos de esquerda em países da América Latina, com início na eleição de Hugo Chávez em 1998. Os conceitos apresentados neste artigo serão retomados nos demais, fato que demonstra o avanço da pesquisa de Pereira da Silva e de sua proposta de pensar desde a América Latina sobre suas democracias. Em um território marcado por uma história intrinsecamente ligada a “regimes oligárquicos ou patrimonialistas, por ditaduras ou (no máximo) por governos conservadores formados democraticamente” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 17), a ascensão da esquerda foi um marco, se contrapondo ao período neoliberal dos anos 1990. E foi classificada como “rosa” por ser representada por partidos de centro-esquerda, com uma pauta ideológica mais “branda” — e portanto, menos revolucionária.

Contudo, a literatura tradicionalmente trata a esquerda como duas distintas, por vezes entendidas de forma dicotômica e normativa, sendo uma positiva e a outra negativa<sup>3</sup>. Pereira da Silva (2019) propõe duas categorias diferentes para analisá-la: a primeira contendo as que seriam de governos refundadores<sup>4</sup> — em que há uma radicalização em suas propostas políticas e promoção de intervenções macroeconômicas<sup>5</sup>; e a dos renovadores<sup>6</sup> — que possuíam maior moderação em suas ações e propostas, utilizando mecanismos de regulação e reconhecimento da política anterior. Contudo, o autor enquadra ambas no conjunto de *governos progressistas*, ao contrário dos governos neoliberais anteriores. Dessas políticas destacam-se o entendimento da necessidade de o Estado atuar junto ao mercado e a ampliar

---

<sup>2</sup> Torna-se interessante pontuar que no primeiro artigo, embora já houvesse ocorrido o golpe em Honduras e no Paraguai, Pereira da Silva alertava uma tendência a um autoritarismo que rondava a América Latina, fato que se concretizou notavelmente nas últimas eleições no Brasil.

<sup>3</sup> Pereira da Silva (2019) traz a luz essa visão tradicional de duas esquerdas: a boa seria “uma socialdemocrata ou democrata” e a má a “populista” ou “autoritária” (p. 21). Tal tipologia é encontrada em obras como no artigo “*Latin America’s left turn*” de Jorge Castañeda, entre outros.

<sup>4</sup> Fazem parte desse grupo os governos de esquerda de Venezuela, Bolívia e Equador.

<sup>5</sup> Um exemplo seria uma maior intervenção no mercado como no controle de preços.

<sup>6</sup> Grupo formado por Chile, Uruguai e Brasil, tendo como exceção a Argentina, que se enquadraria em um hibridismo.

políticas sociais, porém sem superar o capitalismo existente, utilizando uma agenda de políticas públicas “focalizadas, temporárias e de governo” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 25).

O segundo artigo — “Dois padrões de participação em governos de esquerda na América Latina: comparando Brasil e Venezuela” — contém uma análise sobre as instituições participativas presentes nesses países, delimitando a análise para as que foram criadas nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003 e de Hugo Chávez, em 1999. Em uma comparação incomum, estruturada em três unidades de análise (público-alvo, efetividade e elementos de representação), o autor busca fomentar um debate sobre as novas possibilidades e espaços na participação democrática. Apresenta o caso das instituições de participação venezuelanas, sem um histórico a nível nacional — embora houvesse a nível local — até a Constituição de 1999; e as brasileiras com “uma longa tradição das instituições participativas tanto em nível local quanto no nível nacional” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 53), e com a Constituição de 1988, garantindo mecanismos de participação.

Posteriormente em “A ‘qualidade da democracia’ como um problema: que qualidades as nossas democracias deveriam possuir?”, o autor expõe o debate acerca da qualidade da democracia e os instrumentos utilizados para medi-la. Afirma que “a democracia se tornou um significante com sentido positivo” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 65), com reflexões de três períodos distintos: de 1970 a meados de 1980, com a transição democrática; no final de 1980 ao dos anos 1990, com a consolidação da democracia; e a partir dos anos de 2000, a medição da qualidade dessas de democracias. No entanto, medi-las através de “um único modelo de democracia” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 66) — democracia no seu significado liberal — traria problemas de análise, especialmente sobre os regimes na periferia global. Concordando a exposição do autor, a democracia é composta não só das instituições de representação, como também por “um conjunto de crenças e valores e de um modo de vida carregados de potencial igualitário” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 66). Dessa maneira, pode-se notar uma arena de disputa pela hegemonia de seu significante, pois quando se conceitua a democracia apenas em valores liberais, governos de esquerda se tornam possivelmente mal avaliados<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Um exemplo é a compreensão “como ataque às liberdades individuais as eventuais tentativas de pluralizar uma mídia empresarial oligopolizada” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 68).

Diante dos recentes momentos vividos pelos países latino-americanos, demonstra-se a necessidade de pontuar o que determinaria um golpe, visto que novos tipos ocorreram nos últimos tempos, como o *neogolpe* —abordado posteriormente. Pereira da Silva (2019) expõe que a criticidade do exame sobre a qualidade democrática não significa sua ruptura, nem seu abandono no debate, pois há "uma potencial complexidade analítica na reflexão sobre a democracia contida nos debates de qualidade da democracia, porque ela permite considerar haver diversas formas entre as democracias realmente existentes" (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 69). Logo, uma ação importante seria usar de forma parcimoniosa os indicadores que avaliam a democracia ligada à liberdade de mercado — como os dados produzidos pela *Freedom House*, o que leva ao autor propor o uso de dados do *Latinobarômetro* ou de organismos plurais.

No entanto, a presença das esquerdas no poder começou a esvaír-se nos últimos anos em toda a região, consumando o “fim da onda rosa” — tal como explicita o título do quarto capítulo “O fim da onda rosa e o neogolpismo na América Latina”. Ao aproveitarem “os anos de democracia formal, aceitaram participar dela” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 85), estes governos (ou políticas) — apesar de suas diferenças — propuseram tentativas de ter no Estado um instrumento de intervenção e transformação da sociedade, através da participação popular e de relações no sistema internacional voltadas para o Sul Global, por exemplo. Não obstante, sua maior marca foi a luta contra a fome e a miséria, o que poderia “explicar [...] a longa reprodução do ciclo” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 92)<sup>8</sup>.

Pereira da Silva (2019) pontua que ciclos se esgotam e alternativas aparecem. No caso latino-americano, a onda de direita (re)surgiu nos últimos tempos, com doses do liberalismo e conservadorismo — alinhados à religião —, com um discurso contra a presença do Estado na economia, e com uma proposta supostamente sem ideologia e a favor do empreendedorismo<sup>9</sup>.

Mas nem sempre essa direita segue os passos democráticos, levando o autor a discutir o *neogolpismo*<sup>10</sup>. Este golpe se difere daqueles realizados anteriormente, pois não possui

---

<sup>8</sup> Torna-se interessante pontuar que neste capítulo o autor propõe — mas não desenvolve — uma nova forma de conceituar cada governo de esquerda existente “como social-liberal e, num outro extremo, como neodesenvolvimentista” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 91).

<sup>9</sup> O autor pondera que apesar dessa onda, “essas esquerdas ainda podem obter algumas vitórias [...] como ocorreu no México com Manuel López Obrador em 2018” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 93).

<sup>10</sup> Conceito abordado por autores como Tokatlian (2009) e Perissinotto (2016). Aqui pode-se enquadrar o impeachment da presidenta brasileira Dilma Rousseff, cujos desdobramentos e particularidade do caso de

diretamente a participação de militares e ocorre “através de interpretações distorcidas das instituições, particularmente dos mecanismos do impeachment, quando este é constitucionalmente previsto” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 93). Aqueles que participam são de setores conservadores na política e do judiciário, além da burguesia, religiosos conservadores e “oligopólios de comunicação” (PEREIRA DA SILVA, 2019, p. 96). Assim, Pereira da Silva expõe a necessidade de os cientistas políticos retomarem o debate sobre autocracia e sobre como são realizados os novos golpes do século XXI, como os “golpes institucionais”, “golpes parlamentares” e “neogolpismo” (PEREIRA DA SILVA, 2019).

No quinto artigo “Colonialidade do saber, dependência epistêmica e os limites do conceito de democracia na América Latina”<sup>11</sup> discute-se acerca dos estudos realizados nas ciências sociais, que partem de pressupostos hegemônicos e apresentam uma dependência sistêmica<sup>12</sup>. A colonização das Américas deixou um legado nas estruturas de poder interna e externamente, como na produção científica da periferia global. Embora as independências tenham sido conquistadas, as relações de *colonialidade*<sup>13</sup> não foram rompidas, pois a dominação da hegemonia eurocêntrica permaneceu até no campo do conhecimento. E disso deriva a luta dos cientistas sociais da América Latina por romper com a dependência acadêmica.

Por fim, os últimos dois artigos — “A tradição do pensamento político na nova hegemonia das direitas: algumas questões preliminares” e “A Ciência Política diante do neogolpismo: entre o incômodo silêncio e a envergonhada adesão”, este escrito com Gabriel Eduardo Vitullo — se dedicam ao momento mais recente, vivido pelos latino-americanos, e a como o campo das ciências sociais responde aos acontecimentos. A direita sempre esteve presente na estrutura social do Brasil e da América Latina, se projetando com um novo

---

Rousseff estão em voga até os dias de hoje, uma vez que a direita usou como plataforma um discurso anti-corrupção, produzindo os resultados eleitorais do ano de 2018. Para Pereira da Silva, o trabalho de Perissinotto (2016) destaca-se sobre o tema.

<sup>11</sup> Escrito com Paula Baltar e Beatriz Lourenço.

<sup>12</sup> Como tratado pelos autores, há uma “violência epistêmica” com uma forma de conhecimento sendo considerada como verdadeira, deslegitimando as demais formas. Destacam-se obras daqueles autores e autoras consideradas decoloniais, como Aníbal Quijano.

<sup>13</sup> Conforme explanado por Quijano (2007) “Colonialidad es un concepto diferente, aunque vinculado con el concepto de colonialismo. Este último se refiere estrictamente a una estructura de dominación y explotación, donde el control de la autoridad política, de los recursos de producción y del trabajo de una población determinada lo detenta otra de diferente identidad, y cuyas sedes centrales están, además, en otra jurisdicción territorial. [...] El colonialismo es, obviamente, más antiguo, en tanto que la colonialidad ha probado ser, en los últimos 500 años, más profunda y duradera que el colonialismo”(p. 93).

discurso hegemônico na arena de debate político, como abordado anteriormente. Dentre os atores desse cenário, dois tiveram consolidação no caso brasileiro: o Movimento Brasil Livre (MBL) e o atual presidente Jair Bolsonaro, tendo como canto gritos patrióticos e de anticorrupção ecoados nos protestos de 2013 — e posteriormente ouvidos de maneira mais forte no pedido e processo do impeachment de Dilma Rousseff.

Como os estudos abordam as novas formas de golpe? E como a ciência política se comporta diante desses novos fatos? Pereira da Silva e Vitullo (2019) analisam de forma quantitativa e qualitativa a hipótese de que a “ciência política latino-americana pouco produziu sobre esses neogolpes” (p. 127), mantendo um significante rígido para “golpe”, sem as transformações que sofreu. Para testá-la, percorrem as principais revistas<sup>14</sup> latino-americanas — de 2009 a 2018 — com artigos que trabalharam os *neogolpes* ocorridos em Honduras, Paraguai e Brasil. Em sua análise, os autores encontram, mais uma vez, uma forte predominância da hegemonia institucionalista — e neoinstitucionalista — na Ciência Política, o que afeta os estudos sobre os movimentos recentes. Compreende-se que, não obstante tenham estudos sobre o tema, a proporção de artigos que os aborda é de cerca de 1,2%.

Assumindo também a posição dos autores, o que chama atenção é a dificuldade do campo de compreender que o significado de golpe se transformou ao longo do tempo, não se restringindo mais à necessidade de um movimento com força militar, ao mesmo tempo em que utilizam as instituições e ritos formais para construir uma nova hegemonia na política. Por isso, a análise neoinstitucionalista cria uma baixa percepção do que realmente aconteceu, pois essas novas formas de golpe não transparecem para a comunidade internacional o que efetivamente foram<sup>15</sup>.

Relembrando Sartori (1907), a “ciência política herdou uma vasta gama de conceitos que já haviam sido previamente definidos e redefinidos [...] por gerações de filósofos e

---

<sup>14</sup> Entre os diversos periódicos analisados, algumas brasileiras escolhidas foram Dados — Revista de Ciências Sociais (IESP-UERJ); Opinião Pública (CESOP/UNICAMP); e uma contra-hegemônica, a Revista de Ciências Sociais (UFC). Das estrangeiras, América Latina Hoy (Instituto de Iberoamérica/Universidad de Salamanca, Espanha) e Revista de Ciencia Política (Instituto de Ciencia Política/Pontificia Universidad Católica del Chile). As escolhas seguiram as avaliações Qualis.

<sup>15</sup> Pode-se observar tal fato nos estudos sobre golpismos, que apresentam dificuldade no reconhecimento da história recente de Brasil, Honduras e Paraguai.

teóricos políticos” (p, 1033-1034)<sup>16</sup>. Assim, é preciso ser um *pensador consciente* (SARTORI, 1970), tendo o entendimento que o conceito de democracia<sup>17</sup> foi construído com bases liberais e hegemônicas, especialmente advindas da Europa e dos Estados Unidos. Sendo assim, Pereira da Silva age ao longo de sua obra com tal consciência, buscando se localizar na contra-hegemonia acerca do debate da democracia. Ademais, observa-se um senso crítico do autor, que questiona e compreende a si mesmo em uma estrutura fechada — e hegemônica, indo além dos índices e estudos sobre democracia que se apoiam em leituras tradicionais nas Ciências Sociais. Em um momento de resistência aos governos que constantemente atacam os estudos deste campo, esta obra instiga e abre caminhos para aqueles interessados nesse tema, localizando seu pensamento desde a América Latina. É um bom início para compreender que não há linearidade nas democracias latino-americanas e que medir sua qualidade por meio de moldes hegemônicos, desconsiderando suas particularidades, gera percepções falhas sobre a região.

### Referências bibliográficas

MIGUEL, Luís Felipe. “Prefácio” in **América Latina em seu labirinto: Democracia e autoritarismo no século XXI**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2019.

PANIZZA, Francisco. **La Marea Rosa**. Análise de Conjuntura OPSA, n. 8, 2006.

PEREIRA DA SILVA, F. **América Latina em seu labirinto: Democracia e autoritarismo no século XXI**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2019.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad del poder y clasificación social". In Castro-Gómez, Santiago, and Ramón Grosfoguel, (eds.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Siglo del Hombre editores, 2007.

SARTORI, Giovanni. 1970. **Concept Misformation in Comparative Politics**. The American Political Science Review. Vol.64, nº 4:1033-1053. 1970.

---

<sup>16</sup> Do original “political science inherited a vast array of concepts which had been previously defined and redefined [...] by generations of philosophers and political theorists” (SARTORI, 1970, p, 1033).

<sup>17</sup> Há um interessante debate presente no campo da Ciência Política sobre o que Giovanni Sartori chama de *conceptual stretching*.